

NACIONALISMO MIMÉTICO? LEITURAS DE UM CONCEITO: *CULTURAS SHAKESPEARIANAS*

Vinicius Schröder Senna¹

1. Ser alguém

O subtítulo do livro *¿Culturas shakespearianas?*, de João Cezar de Castro Rocha, nos informa dos laços entre *Teoría mimética y América Latina*. Contudo, logo perceberemos que restringir o tema à geografia seria um erro. Não fosse o próprio autor a nos explicar a questão, já estaríamos em dúvida quanto ao nome de Shakespeare no título. Avançamos um pouco mais na leitura e encontramos outras referências do ensaio: V. S. Naipaul, o escritor nascido em Trinidad que partiu para Londres aos dezoito anos e fez sua carreira como romancista escrevendo em inglês, e J. M. Coetzee, o romancista sul-africano que, do mesmo modo, escreveu todos os seus livros em inglês.

Naturalmente, ese modelo de historia literaria y cultural debe tener un alcance muy amplio, en lugar de limitarse a América Latina —como lo demuestran el recurso a las novelas de Naipaul y a la ensayística de Coetzee. En todo caso, para proponer un primer desarrollo de este acercamiento, voy a reducir el horizonte de mi estudio. (ROCHA, 2014, p. 31)

É fundamental para a leitura do ensaio de João Cezar de Castro Rocha a atenta percepção à proposta do autor quanto a alguns termos que designam as culturas shakespearianas. Refiro-me à troca das expressões *centro* e *periferia* por *circunstâncias hegemônicas* e *não hegemônicas* (Idem, p. 32). Essa mudança confere maior precisão à abordagem de modo que não seja necessário delimitar marcas territoriais.

O que Rocha mostra é que existe um curioso fenômeno ligado à ideia de identidade nacional. Não se sofre por nunca ter tido uma identidade estável, mas por não ter podido conservá-la. No entanto, nunca houve tal identidade estável e ao apresentar a dinâmica da influência mimética o autor chega ao centro da questão.

De acordo com o ensaio, a identidade latino-americana sempre foi definida por um olhar estrangeiro. Na literatura, na produção intelectual, nas artes, essa perspectiva funcionou de duas formas: definindo procedimentos e escolhendo quem seria o público. Autoridade concedida a um observador estrangeiro cuja competência se explica por sua condição de ser de fora, de lugar considerado superior, e que se torna, dessa forma, um modelo a ser imitado. Rocha nos faz lembrar que esse mecanismo ainda está em

¹ Vinicius Schröder Senna é doutorando em teoria da literatura e literatura comparada pela UERJ. Desenvolve tese com ênfase na obra de V. S. Naipaul e J. M. Coetzee em articulação com a teoria mimética de René Girard. E-mail: v.s.senna@outlook.com.

funcionamento. Parte da finalidade do estudo sobre as culturas shakespearianas será justamente entendê-lo melhor.

O ensaio propõe uma reflexão sobre o panorama composto por afinidades estruturais da circunstância latino-americana. O autor revela que sua ambição teórica, no entanto, será a de encontrar elementos de circunstâncias não hegemônicas que não estejam presos a nenhuma latitude. Para os leitores de outro ensaio de João Cezar de Castro Rocha, trata-se de tema familiar, que avança neste novo trabalho. Em *Machado de Assis: por uma poética da emulação* (2013), já encontrávamos o conceito de poética da emulação desenvolvido em torno de situações assimétricas de poder situadas nas mesmas circunstâncias não hegemônicas.

Os procedimentos que compõem a poética da emulação seriam aqueles empregados por escritores, intelectuais, artistas e inventores que ocupam o lado não hegemônico da relação. Desse modo, a poética da emulação se apresenta como uma forma de enfrentar a assimetria que é a marca do contato entre os que servem de modelo e aqueles que, num primeiro momento, os imitam.

Como falei em imitação, vale mencionar o vínculo do ensaio – *Culturas shakespearianas? Teoría mimética y América Latina* – com a teoria mimética de René Girard. No ensaio de Rocha, encontramos os pressupostos da teoria mimética, servindo como um panorama dos pontos principais daquelas que são as três principais intuições do pensador francês. Nas páginas que se seguirão, entenderemos o funcionamento básico das três grandes intuições de René Girard: o desejo mimético, o mecanismo do bode expiatório e a leitura antropológica dos evangelhos².

O desejo mimético, como apresentado por Girard, será proveitoso para o estudo da poética da emulação, e decisivo para o entendimento de *Culturas shakespearianas*. Do começo ao fim, veremos que mesmo em circunstâncias hegemônicas as relações de poder são dinâmicas. A cultura que serve de modelo é em si mesma constituída de tudo que herdou e se mantém por meio de transformações permanentes.

A consciência da provisoriedade generalizada quanto à identidade deveria, segundo Rocha, clarear a percepção de que a ansiedade resultante é gerada no vazio, pois, no fundo, se trata de um sofrimento por deficiência de algo que nunca se teve. No primeiro parágrafo de *Uma curva no rio* (1979), veremos – com Naipaul – uma sentença drástica quanto à identidade: “O mundo é o que é; homens que não são nada, os que se deixam tornar-se nada, nele não têm lugar”. (NAIPAUL, 2004 [1979], p. 7). Ainda ficamos com a pergunta: quem são os homens que são alguma coisa?

² Mesmo diante da resistência nas últimas décadas por parte do ambiente acadêmico à associação do trabalho científico com a religiosidade, Rocha não desvia a atenção do leitor quando se aproxima dos posicionamentos religiosos do pensador francês. Pois se trataria de algo que, em sua opinião, seria injusto com os pressupostos de Girard, sobretudo porque a teoria mimética mantém sua coerência sem qualquer necessidade de fé religiosa.

Em termos literários, encontramos no ensaio de Rocha uma explicação que se estende para todos os outros âmbitos da relação entre circunstância hegemônica e não hegemônica:

Ahora bien, la “universalidad” de este o de aquel autor depende más de la lengua en la cual escribe que de la calidad intrínseca de su obra. En los siglos XVIII y XIX, el francés fue la lengua franca de la utópica República de las Letras, mientras que en los siglos XX e XXI el inglés asumió el rol de coíné del universo letrado (y digital). Autores que producen en inglés, o incluso en francés, cuentan con una probabilidad mucho mayor de ocupar el centro del canon, ya que escriben en el idioma de una cultura que ocupa posición central en las relaciones de poder —aquí, como se percibe con facilidad, la redundancia se impone. (ROCHA, 2014, p. 33)

O sujeito que é nada em Naipaul não escreve em inglês. Talvez sequer escreva. E quanto mais distante estiver dos hábitos e relações de países como Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e França, menos chances terá de ser alguém. A análise das culturas shakespearianas, como apresentada por João Cezar de Castro Rocha, está, no entanto, longe do tom irrevogável encontrado na afirmação do narrador de Naipaul. A questão ontológica será tratada sem grandes máximas ou sentenças. Ainda assim, não nos é negada uma bela ferramenta para lidarmos com o problema da identidade: “se trata de pensar una autodefinition de la propia identidad que conscientemente parte de la centralidad de lo ajeno”. (ROCHA, 2014, p. 137). Em um trecho mais longo, a seguir, encontramos o conceito de culturas shakespearianas, compreendido a partir da ficção de Naipaul:

La mejor forma de definir el concepto de culturas shakespearianas es evocar la novela de V.S. Naipaul, *The mimic men*, cuyo título, en sí mismo, sugiere una lectura girardiana de la ficción del Premio Nobel. Reflexionando acerca de sus experiencias, el narrador, Ralph Singh, oriundo de una isla caribeña, exiliado en Londres, identifica un rasgo común entre él y un “joven estudiante inglés”. Este aspecto es muy importante, con la aclaración de que su dilema no se puede reducir a la condición exótica de intelectual periférico sino que se trata de una circunstancia antropológica, que afecta a todos: “Él era como yo: necesitaba de la guía de los ojos de otro hombre”. Un poco adelante, el narrador intuye la naturaleza mimética del deseo: “Nos convertimos en lo que vemos de nosotros mismos en los ojos de los otros”. (ROCHA, 2014, p. 26-7)

Continuamos aqui falando da necessidade do olhar do outro para que o sujeito tenha alguma ideia de quem é. Essa conexão pressupõe uma conjuntura específica: o sujeito de um desejo que tem *o outro* como modelo para o que deve ser desejado. Com a teoria mimética, podemos acompanhar as implicações analisadas por René Girard para a

rivalidade que poderá nascer quando ambos passam a desejar um mesmo objeto. Ou mais precisamente, para o que estamos tratando: as implicações de ser a aquele que influencia em lugar de ser aquele que é influenciado.

As relações de mimetismo apresentam as possíveis rivalidades não como prova de que exista superioridade em termos absolutos, ou pior, crueldade, e sim por uma determinação tão simples quanto verdadeira: ambos os lados querem o mesmo. Claro que há uma grande possibilidade da relação entre sujeito e modelo se tornar cruel, afinal para poder enganar é necessário que se julgue o enganador confiável. No entanto, admirar ou invejar é diferente de estar livre para confiar. Como tantas vezes acontece nos livros de Naipaul, no trecho a seguir atribui-se à literatura o poder de conferir maiores possibilidades a um povo:

Se foi a Europa que nos deu, no litoral, alguma ideia sobre nossa história, foi também a Europa, creio, que nos apresentou à mentira. Aqueles entre nós que povoavam aquela parte da África antes dos europeus jamais haviam mentido sobre si mesmos. Não porque fôssemos morais. Não mentíamos porque nunca refletíamos sobre nós mesmos e não pensávamos que houvesse algo sobre o que mentir. Éramos pessoas que simplesmente faziam o que faziam. Mas os europeus podiam fazer uma coisa e dizer outra bem diferente; e podiam agir dessa maneira porque tinham uma ideia daquilo que deviam a sua civilização. Era a grande vantagem que levavam sobre nós. (NAIPAUL, 2004 [1979], p. 22-3)

Naipaul nos fala do poder de quem narra. Em mais um retorno a importância do olhar do outro, podemos lembrar do reflexo na retina visto na cena, um tanto exagerada, de James Bond (Sean Connery em *007 Contra Goldfinger*). Trata-se do olhar da mulher atraente – como de costume – que Bond tem diante de si; superfície em que o agente especial perceberá a aproximação de um inimigo pelas costas.

O olhar do outro me diz quem eu sou: é o que temos tratado aqui. Mas o olhar do outro me diz também quem são os outros? Terá ainda condições – aqui todo cuidado é pouco – de dizer onde eles estão? Tentarei contornar a caricatura: o assassino jamais se mostraria para o agente como se mostrou para a sua cúmplice. Aproveitando esses últimos pontos, me aproximo de uma das questões centrais em *¿Culturas shakespearianas?*, isto é, a transposição, nas palavras de Rocha: “de la naturaleza mimética del deseo humano del plano interdividual al colectivo” (ROCHA, 2014, p. 35)

2. O mal ontológico no plano coletivo

Desde *Mimic Men* (1967), podemos pensar em alguns personagens de Naipaul como mímicos. Refiro-me aos personagens, encontrados em diversos livros do autor, que demonstram a necessidade de imitar seus modelos de países mais desenvolvidos – uma vez que o mímico é habitante de um território colonizado. Desse modo, os interesses de um “mímico” de Naipaul nunca podem ser os mesmos de uma mulher de um país desenvolvido com quem ele tem um envolvimento.³ Com essa diferença, surge o sinal de algo fundamental na vida particular dos personagens por suas ressonâncias nos círculos mais amplos da vida em sociedade.

A sensação de carregar uma deficiência, diante da superioridade de quem parece ter o privilégio da solidez ontológica – apenas destinada aos integrantes da circunstância hegemônica–, causa ansiedade, criando a necessidade de ocultar a própria insuficiência. A relação com os sinais de superioridade, como os prédios e máquinas construídos e deixados pelo colonizador em sociedades pós-coloniais, por exemplo, demonstra o permanente desejo de explodir que marcou a relação. Vale dizer, nos livros de Naipaul, além do conflito causado pelo ressentimento entre pessoas, vemos prédios e máquinas destruídos por todo lado. Prédios e máquinas que poderiam servir aos habitantes do lugar, mas que os fazem lembrar de que não foram eles os inventores e construtores de nada daquilo; na verdade, são ruínas precoces, por assim dizer. Em episódios como esses, vemos uma das faces – a mais sombria – do que Rocha chama de interdividualidade coletiva. Não é mais o conflito de um sujeito com a sensação de insuficiência diante da permanente incompletude da própria personalidade. Aqui o que vemos é a reação de uma coletividade diante do vazio, uma insuficiência que parece apenas sua quando intensificada pelas comparações com o que outros grupos realizaram.

Para as implicações ou motivos da influência de um povo sobre outro podemos encontrar muitas explicações distintas: econômicas, sociológicas, históricas, biográficas, religiosas, culturais, patrióticas, políticas, idiossincráticas, psicológicas, antropológicas. O que há de desconcertante e revelador na hipótese de *interdividualidade coletiva*, de João Cezar de Castro Rocha, é oferecer uma explicação mimética. Assim como o

³ Aqui nos aproximamos de uma característica do arquétipo do mímico desenvolvido no livro *O local da cultura* (1994) de Homi Bhabha. Lá se encontra uma interpretação bastante conhecida do lugar de tal personagem no contexto da literatura pós-colonial. De maneira sumária, o mímico seria o sujeito que imita o colonizador. Referências culturais lhe chegam exercendo encanto suficiente para que copie o comportamento que passou a admirar. Desse modo, o mímico ambiciona ocupar o espaço destinado aos colonizadores, no entanto, isso nunca chega a acontecer, porque ao colonizador interessa apenas a imitação que espalha a cultura da metrópole. Não lhe interessa a incorporação, de fato, do mímico como um dos seus “iguais”. Homi Bhabha. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998 [1994].

indivíduo, a coletividade também precisa de seu mediador para que seus integrantes consigam, em algum nível, ainda que elementar, orientar suas aspirações.

Rocha mostra que a ânsia por definir a própria personalidade pode provocar um fechamento de horizonte. Não é mais necessário ver o mundo com nitidez, basta ver a si próprio, identificar em si mesmo os traços fortes e reveladores de autenticidade. Sejam eles quais forem.

A partir do capítulo dois, o autor começa a apresentar o conceito de interdividualidade coletiva. Trata-se de um gesto que ligará os pontos iniciais da teoria mimética, em *Mensonge romantique et vérité romanesque* (1961), com as conclusões de René Girard em sua última grande obra: *Achever Clausewitz* (2007). Desse modo, Rocha atribui o conceito de interdividualidade coletiva não a um descobrimento isolado, mas a própria culminação do pensamento de René Girard. Contudo, o encontro do pensamento de René Girard com a formação das culturas latino-americanas será plenamente discutido no livro de Rocha.

Para tanto, o autor irá desenvolver as implicações do conceito de interdividualidade coletiva em permanente contato e cruzamento com os conceitos girardianos, além do diálogo com as obras dos mais importantes pensadores latino-americanos.

Um entrave “romântico” deverá ser enfrentado logo no início. Trata-se de um retorno ao título do livro que inaugura a teoria girardiana. *Mentira romântica e verdade romanesca* emprestará uma de suas principais intuições à abordagem da trajetória cultural latino-americana feita por João Cezar e Castro Rocha.

O desejo mimético é compreendido a partir da necessidade de um modelo para o desejo humano. Todas as obras literárias que, segundo René Girard, ocultam essa relação entre o modelo e o seu admirador, imitador, será pensada como obra romântica. Por outro lado, as obras que apresentam todo o panorama mimético são as obras romanescas. O que Rocha observa é que os termos girardianos contém, potencialmente, a capacidade de revelar a verdade romanesca sobre a ideia de identidade nacional. (ROCHA, 2014, p. 129).

Sendo assim, entenderemos porque é possível pensar numa atitude romântica através do impulso de definir uma nacionalidade – algo que evidenciará a mentira romântica.

A rivalidade entre França e Alemanha, analisada por René Girard em *Rematar Clausewitz* e por Rocha em *Culturas shakespearianas*, nos fala das ambições da influência.

Caso sintomático fue el desarrollo de la historia literaria; desarrollo indisociable de idéntico campo de fuerzas, pues mapear la evolución —empleemos el vocabulario decimonónico sin pruritos— de la literatura nacional equivalía al gesto político de afirmación de la superioridad del espíritu patrio. De igual modo, las investigaciones pioneras en el dominio entonces emergente de la literatura comparada no dejaban de reiterar la competencia entre las dos naciones. Competencia concretizada en la pregunta clave: ¿qué autor fue más “influyente”? ¿Goethe en Francia? O, al revés, ¿Rousseau en Alemania? (ROCHA, 2014, p. 131)

Uma ambição compreensível. Existe uma satisfação maior, ainda que idealizada e talvez não imediatamente compreensível, em ser o autor que influencia em lugar de ser o escritor influenciado. O título: *La condición de ser nadie*, de uma das seções do livro de João Cezar de Castro Rocha, ajuda a entender melhor a que nos referimos. E aqui Rocha se aproxima mais uma vez de Naipaul. O romancista construiu sua obra, em grande medida, a partir de personagens que conhecem bem a ansiedade de tentar ser alguém. Sujeitos movidos pela esperança de conseguir um lugar no mundo daqueles que são alguma coisa. Mas não devemos nos esquecer de que, no ensaio de Rocha, o tom é de uma constatação que nada tem de melancólica. Não se trata de uma condição psicológica resultante de um infortúnio, qual seja, ter nascido ou partido de um contexto não hegemônico. As dificuldades, no entanto, nunca serão minimizadas. Não se dirá que tal ponto de partida apresenta as mesmas dificuldades de outros. Aliás, nunca se trata das mesmas dificuldades. Trata-se da necessidade geral de um mediador para o desejo humano.

Sendo assim, o que acompanhamos é a abordagem de uma vacuidade estrutural, pois, sem a mediação de um modelo, a interdividualidade não pode se sustentar. Condição necessária em qualquer circunstância. A circunstância latino-americana não representa a vítima de um paradoxo, onde só se poderá alcançar a própria identidade a partir do outro, ao contrário, o que vemos é a superação da mentira romântica, uma vez que se trata de questão antropológica e não geográfica.

Citando Pedro Henríquez Ureña, Rocha nos fala de imitação e herança:

En su compilación de ensayos breves, *La utopía de América*, un tema dominante es exactamente la relación del intelectual latinoamericano con la cultura europea, en general, y la norteamericana, en particular; es decir, la relación con la presencia constitutiva del otro, tomado como modelo mediador. (ROCHA, 2014, p. 137)

Depois de citar o intelectual dominicano, num trecho em que Ureña nos adverte que: “herencia no es hurto”, Rocha nos diz que a notável passagem insinua a articulação

de uma poética da emulação como forma propriamente latinoamericana: “esto es, no hegemónica, de lidiar con la presencia insoslayable del mediador” (ROCHA, 2014, p. 137).

O ensaio de Rocha não nos apresenta um modelo de ortodoxia humana coletiva. Acontece justamente o contrário. Não podemos mais pensar em qualquer absoluto disponível para a definição de culturas, sociedades ou países. Qualquer tentativa de apontar traços de pureza se revela em sua estrutura necessariamente romântica. O panorama apresentado convida a um exercício de modéstia generalizada, ao mesmo tempo em que apresenta uma forma instrumental, para as circunstâncias não hegemônicas, de conseguirem maior clareza quanto aos processos de identificação de modelos, imitação e emulação. Seu maior trunfo: a possibilidade de buscar sem travas os próprios interesses. Por outro lado, o maior problema da perspectiva romântica é restringir a capacidade de compreensão das próprias limitações e potencialidades.

Qual a verdade romanesca? Será este o desafio lançado por João Cezar de Castro Rocha para pensarmos as culturas shakespearianas. A percepção que temos ao ler o ensaio é de que sabíamos a resposta o tempo todo, muito embora tenhamos que contar com a escrita do autor para isso:

Shakespeare es importante no solo por los temas con los cuales trabajó sino, y sobre todo, por su procedimiento compositivo, esto es, la constante apropiación de lo ajeno en la producción de su obra. De hecho, en la casi totalidad de sus piezas no se preocupó en desarrollar una idea “original”, pero siempre supo aprovecharse del material ya existente, combinando fuentes distintas en una forma, esa sí, única. (ROCHA, 2014, p. 147)

A teoria mimética de René Girard nos mostra os processos e consequências de pessoas necessariamente inter-relacionadas. Rocha nos mostra algo bastante parecido nas relações entre coletividades. A percepção da centralidade do outro, estendida à coletividade, traz maior clareza para os processos de influência. Ainda que não seja objeto de nossa análise, tampouco nossa área de estudos, nos ocorre uma pergunta: será que maior clareza quanto aos processos de influência entre grupos pode contribuir para que demandas sociais se tornem mais inteligíveis? Não seria essa pergunta ainda mais relevante num cotidiano dominado pelo universo das redes sociais, essas máquinas de mimetismo diário?

Lembrando o que foi dito sobre ter condições de ir buscar o que se busca, os números de Shakespeare são tão conhecidos quanto impressionantes:

Shakespeare fue el autor canónico de la literatura occidental que más se aprovechó de lo ajeno para concebir su obra. Según los eruditos, de las 37 piezas que componen la reunión de su teatro, en el famoso First folio de 1623, nada menos que 33 resultan de la combinación de fuentes

diversas, por lo tanto, de invenciones, y no de intrigas originalmente creadas por el dramaturgo. Por lo tanto, solo cuatro textos poseen una historia enteramente imaginada por Shakespeare, e incluso en esos casos, él recurrió a sugerencias variadas para escenas específicas y diálogos de los personajes. (ROCHA, 2014, p. 147)

Refiro-me à clareza de um indivíduo ou de um povo que seja capaz de manter a capacidade de se ver pelos olhos do outro com maior acuidade. De não ver apenas uma imagem sempre igual a si mesma. Mas que seja capaz de interpretar os dados contidos nesta troca de olhares. Supondo que o exaustivo esforço empregado em descobrir justificativas para a rejeição a uma cultura dominante pode não levar a nada. Pois se trata de algo que não depende do que sabemos, tampouco do que pensamos, mas talvez apenas do que nos é familiar. Lembremos que os personagens de Naipaul precisam do olhar do outro como um sinal de que sua existência tem um lugar no mundo. De que o mundo lhes é familiar. De outro modo, sentem-se como alguém que veio ao mundo para nada.

Não seria essa a própria condição do sujeito mimético?

REFERÊNCIAS

- BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998 [1994].
- NAIPAUL, V. S. **Uma Curva no Rio**. Tradução de Carlos Graieb. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 [1979].
- ROCHA, J. C. D. C. **¿Culturas shakespearianas?: teoría mimética y América Latina**. Guadalajara: Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente, 2014.